

O lugar da Secretária: implicações históricas de gênero no trabalho e imagem da profissão

Autoria: Karine Freitas

Resumo

O presente artigo investigou aspectos que corroboraram para a formação e disseminação da imagem da secretária na sociedade. Foram analisados discursos, manuais técnicos, bibliografia da área e materiais midiáticos diversos tais como, músicas, histórias em quadrinhos, filmes e impressos. As múltiplas linguagens e a iconografia consideradas na pesquisa imprimiram um aspecto visual concreto às teorias abordadas e apresentaram contribuições relevantes à compreensão dos fatores que constroem o imaginário coletivo e a conseqüente estigmatização da profissão de secretária.

Introdução

Secretariado Executivo possui uma história recente no Brasil, contemporânea à industrialização e formação da Região Concentrada (SANTOS, 2001). Uma formação acadêmica específica e de terceiro grau tornou-se exigência de um mercado em crescimento constante marcado pela chegada de multinacionais, e expansão industrial acelerada, a partir da década de 70. Secretariado está indissociado à conquista do direito da mulher ao trabalho fora de casa – sem autorização do marido e à educação especializada. Espelhada inicialmente nos modelos norte-americanos e levantamento bibliográfico, o trabalho visou elucidar como a imagem da profissão se constituiu em aspectos notadamente prejudiciais, considerando o apelo midiático nem sempre favorável à categoria e gênero. Instituída profissão regulamentada somente duas décadas após a criação do primeiro curso de nível superior do país – na Universidade Federal da Bahia, em 1969 – foi imperativo investigar as bases políticas dessa educação, regulamentação profissional, código de ética e exercício da atividade. A pesquisa se concentrou em abordar as questões relativas ao gênero e seus prejuízos, considerando mídias que cooperaram e ainda cooperam na construção do imaginário coletivo, sobre a imagem da mulher secretária no mundo do trabalho. Adotando a proposta de Le Goff com o método da História Nova, a investigação tratou um mix de comunicação moderno ampliando o uso da informação para dispositivos de mídia radiofônicos e iconográficos, além das análises semióticas dos discursos, propagandas e letras de músicas que deram significância a este estudo.

Mercado e trabalho no Brasil

A transnacionalização das empresas ao final da Segunda Guerra fomentou investimentos em diversos países, entre eles o Brasil. A implantação de indústrias gerou influência na dinâmica da agricultura, comércio e serviços. Entre as décadas de 50 e 70 diversas políticas públicas e planejamento econômico foram responsáveis pela elaboração das bases técnicas científicas e direcionamento do que seria investido pelo governo (SANTOS, 2001). Todos esses processos implicaram em uma nova divisão social e territorial do trabalho, redistribuída pelas atividades econômicas e pela população, concomitante ao aumento das taxas anuais de crescimento da população ocupada em trabalhos técnicos, científicos e administrativos. No caso do Brasil, as diferenças regionais na estruturação ocupacional foram condicionantes e provenientes de oferta e demanda dependentes do nível de instrução e da urbanização da região, geradas pelas necessidades de mercado e tecnologia, em uma dinâmica que alocava recursos humanos vinculados ao desenvolvimento das regiões (SANTOS, 2001) já que o progresso tecnológico

foi confrontado de acordo com a mão-de-obra regional e sua capacidade de ajustamento, pressionando o exército de trabalhadores ao aprimoramento profissional, via treinamentos ou educação formal (KON, 1999). Uma das características da industrialização corresponde à especialização das funções, principalmente nas empresas prestadoras de serviços que estenderam o trabalho humano para além do âmbito da produção material, transpondo a produção de bens de produção para atividades de serviços.

A partir da década de 70 se observou que em países com formação de parque industrial, ou industrializados, havia uma complexidade crescente dos sistemas organizacionais e dos equipamentos, impulsionando a criação de serviços auxiliares dentro de uma alta departamentalização nas organizações. Urgia a formação do trabalhador que teria acesso às empresas. Para tanto, o governo brasileiro buscou desenvolver um sistema educacional que atendesse demandas de ordem quantitativa e de exigências de mercado (economia). Migrações internas em direção às grandes cidades e grandes centros industriais também foram fatores que forçaram mudanças nas relações de produção, exigindo a eliminação do analfabetismo e maior qualificação para o trabalho, principalmente porque a relação consumo da produção implica em uma melhor formação para consumir (ROMANELLI, 2001). Também havia uma demanda social por educação que no final, manteria o capitalismo vigente (MELLO, 1998).

Educação formal do Secretário Executivo Brasileiro

De 1967 em diante, o modelo de política em voga visava à retomada da expansão econômica através do crescente desenvolvimento industrial. Os decretos do período procuraram evitar a expansão do ensino superior em áreas já saturadas, direcionando as unidades de ensino para carreiras deficitárias de profissionais (ROMANELLI, 2001). Cursos de 2º grau profissionalizantes de curta duração foram criados para atender ciclos que formassem o adolescente e o jovem para a iniciação ao trabalho. Segundo Romanelli (2001), o Decreto nº 20.158, de 30 de junho de 1931 organizou o ensino comercial nos níveis médio e superior, entre eles o técnico de Secretariado. Mesmo com a Lei Orgânica do Ensino Comercial, via Decreto - Lei nº 6.141, de 29 de dezembro de 1943, o curso de secretariado estava condicionado a repetir a tradição da reforma Francisco Campos, que permitia o acesso ao ensino superior nos cursos cujos correspondentes existissem no ensino médio. Foi a grande fase de expansão econômica, iniciada em 1968, e a complexidade das categorias ocupacionais após a penetração das multinacionais, que gerou uma demanda por recursos humanos nas camadas médias de postos de trabalho, também entendida como reflexo da manutenção do *status* relacionado aos profissionais de categorias hierárquicas mais elevadas (ROMANELLI, 2001), o que configura uma luta de classes confirmada por Eder (2000), Marshall (1967) e Saffioti (1976) em teorizações sobre a “pequena burguesia” e suas caracterizações que consideram os níveis hierárquicos e titulações acadêmicas, um acesso ao poder cultural limitado a níveis baixos e médios - praticamente operacionais -, representando indivíduos afetados pelas mudanças estruturais de produção. Se inclui aqui secretariado, como uma saída honrosa à humilhante entrada no trabalho assalariado da pequena burguesia proletarizada (PERROT, 2005 p. 245).

Analisando um caso particular, a Escola de Administração da Universidade Federal da Bahia, em consonância com o desenvolvimento das políticas públicas em educação e exigências de mercado regional oriundas das multinacionais instaladas no Pólo Petroquímico de Camaçari, criou em 1969 o primeiro curso de Secretariado Executivo do Brasil. Em seguida, a

Universidade Federal de Pernambuco, a Pontífica Universidade de São Paulo, a Universidade Católica do Salvador e diversas outras instituições de ensino superior nas demais regiões do país, criaram cursos superiores de Secretariado Executivo, em uma evidente reação em cadeia propelida pela dinâmica que ocorria na nação. Hoje a área é reconhecida pelo CnPq - Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico - como área do conhecimento, passível de investigação científica. Possui mais de 110 cursos de graduação em todo país e diversas pós-graduações específicas. É representada através de uma Federação Nacional de Secretárias e Secretários além de diversos sindicatos em todo país (FENASSEC, 2005).

Regulamentação da profissão e registro

A regulamentação da profissão é definida pela Lei nº 7.377, de 30 de setembro 1985, promulgada pelo Presidente José Sarney, apresenta a síntese (NATALENSE, 1998): classificação para técnico e para profissional de nível superior na área. Permissividade para outras formações de nível técnico ou superior atuarem na área, considerando-se o tempo de prática que não pode ser descartado. Responsabilidades concernentes à redação e a tradução de textos no idioma pátrio e estrangeiro; interpretação e sintetização de textos e documentos, gerenciamento dos serviços de secretaria, conhecimentos protocolares e coleta de informações, alusão ao registro de ditados e o uso de taquigrafia. Em 1996, a Lei nº 9.261, de 10 de janeiro, reverteu o tempo de reconhecimento para trinta e seis meses nas atribuições mencionadas na lei, mantendo também o prazo anterior de cinco anos ininterruptos ou dez anos intercalados para aqueles que exercessem a profissão conforme o tempo estipulado. Na nova redação da lei, os documentos comprobatórios de conclusão de curso foram suspensos e a prova da atuação é feita somente via Carteira de Trabalho, Previdência Social e declarações da empresa que discriminem as atividades pertinentes à secretaria (NATALENSE, 1998). As DRT's - Delegacias Regionais de Trabalho, reconhecem o profissional e o registram mediante a observação do cumprimento da lei.

Código de ética e Conselho de Classe

O primeiro Código de Ética da categoria secretarial foi criado em 1973, tornando explícita a tentativa de moralizar a atividade e profissionalizá-la, além de denotar também o pensamento no seio da categoria. A reformulação do Código ocorreu em 1989. O documento vigente prevê, entre outras coisas, o seu ensino nos estabelecimentos de nível secundário ou superior onde haja o curso. Como os demais códigos de ética profissional, dispõe sobre a conduta ideal no exercício da função, enfatizando a questão do sigilo e da moralidade para o crescimento da área, tanto social quanto profissionalmente (NATALENSE, 1998).

Em 1998 a Federação Nacional de Secretárias e Secretários reivindicou, através de um projeto de lei encaminhado ao Congresso Nacional, que fosse permitida a criação do Conselho Federal de Secretariado e também dos Conselhos Regionais. Entretanto, embora estivesse aprovado pelo Congresso Nacional, o projeto de lei foi vetado pelo presidente sob o argumento de que a iniciativa para criação de uma autarquia era reservada somente ao chefe do Poder Executivo, não recebendo, pois, a sanção presidencial (FENASSEC, 2005). Sobre as atividades que a entidade representativa tem desenvolvido para reverter essa situação, sabe-se que:

No dia 26 de fevereiro de 2003, a Presidente da Fenassec, Maria Bernadete Lieuthier, a Vice –Presidente da Região 3, Maria Antonieta Mariano e a Diretora Administrativa Maria do Carmo Assis, estiveram

reunidas com o Secretário Adjunto do Trabalho, Dr. Marco Antonio de Oliveira, onde entregaram o pedido para que o Ministério do Trabalho tome a iniciativa de apresentação de um novo Projeto de Criação dos Conselhos Federal e Regionais de Secretariado.

[...]

O Ministério do trabalho e Emprego criou a comissão multidisciplinar para tratar especialmente de todos os conselhos, estando nosso processo sob a avaliação desta comissão (FENASSEC, 2005).

A idealização de um modelo secretarial

A inspiração para adoção de um 'modelo de secretária' parece ter sido proveniente da observação dos pares norte-americanos da profissão, uma vez que o desenvolvimento capitalista e o comércio absorveram um incrível número de secretárias nos Estados Unidos, se comparado ao Brasil. Bertoco e Loyola (1979) informam que em 1902 havia nos Estados Unidos cerca de 50.000 secretárias e, em 1920 esse número já era da ordem de 1, 2 milhão de mulheres atuando como secretárias e estenógrafas. Nos anos 30, segundo os mesmos autores, o número passou a ser de 3 milhões de mulheres e, perto de 1945, a força de trabalho feminino cresceu a um patamar de 20 milhões de mulheres.

A literatura de secretariado registra que a máquina de escrever foi imprescindível no acesso da mulher aos escritórios. Perrot (2005.p. 226-227) corrobora essa informação ao dizer que "a iconografia, a publicidade, sobretudo divulgam estas novas imagens da mulher e do casal amoroso que ela forma com sua Singer ou com a Remington. Da máquina de escrever, diz-se que ela é, logicamente, a seqüência do piano. entre as novas tarefas às quais a moça parece adaptar-se admiravelmente, é preciso citar as de estenografia e datilógrafa". Sob esse prisma, é factível compreender que a imagem inicial da secretária foi sutilmente vinculada ao maquinário e à atividade manual, em detrimento da atividade intelectual, pois Perrot (2005) enfatiza que ao recusarem outra qualificação à mulher e elogiar a sua destreza mecanográfica, no fundo lhe negavam a ciência; para tanto, cita que havia uma escola francesa de estenodatilografia cujo slogan era: "Se você não pode dar um dote às suas filhas, mande-as à escola Pigier" (PERROT, 1998, p.101), que apresentava um caminho para o trabalho remunerado. Perrot (2005) vai além quando considera secretariado como um papel importante na história da mulher no ambiente organizacional. Seriam as "damas secretárias" as que começariam a verdadeira mutação do trabalho feminino.

É importante ressaltar que grandes nomes da História exerceram o secretariado, a exemplo de Rainer Maria Rilke (MAIA, 2001), Bourriene, Meneval e Fain (DUMAS, 2004); Thomas Hobbes e Lorenzo Valla (WIKIPEDIA, 2005), Poggio Bracciolini (UNIBUC, 2005), São Jerônimo (MOTA, 2005), Maquiavel (2002), para citar alguns mais renomados, em um claro cenário de uma função altamente importante e desempenhada por homens cultos, o que dá mostras do quanto essa era uma atividade essencialmente masculina.

Mulheres secretárias aparecem um pouco mais tarde, próximo à segunda fase da Revolução Industrial, a exemplo de Marcelle Tirel (MAIA, 2001) e Krupskaya (KOLLONTAI, 1982). Mas desde esse ponto, onde a mulher tem maior acesso à profissão de secretária, até à criação da imagem da secretária que se relaciona amorosamente ou sexualmente com o executivo, algo aconteceu. Durante a investigação ficou claro que mecanismos de ordem social e, principalmente, algumas mídias influenciaram no processo, pois as mulheres "são mais imaginadas do que descritas ou contadas, e fazer a sua história é, antes de tudo,

inevitavelmente, chocar-se contra esse bloco de representações que as cobre e que se precisa necessariamente analisar, sem saber como elas mesmas as viam e as viviam, como fizeram nessas circunstâncias" (PERROT, 2005, p.11). Bertoco e Loyola (1979) explicam que algumas mulheres passaram a utilizar o escritório como local para a busca de homens elegíveis para maridos, ricos e com carreira executiva promissora. Para tanto, valiam-se da profissão de secretária como meio e não como um fim em si mesma. Essa ponderação infere em considerar que certos filmes hollywoodianos traziam exemplos de secretárias nem sempre confiáveis e éticos. Alguns deles, inclusive, deram margens às comédias e romances com a secretária. São alguns exemplos, imagens, filmes, músicas, histórias em quadrinhos e outros recursos que possibilitaram diversas interpretações e que terminam por conduzir às relações sentimentais e/ou sexuais entre secretária e chefia direta. A possível relação homem-mulher era tão séria, que algumas esposas atuaram como selecionadoras de Recursos Humanos, interferindo nos processos seletivos a fim de preservar os seus próprios casamentos (RAINHO, 1970).

Essa imagem, coletivizada e pré-conceituada, advém das relações entre os sexos, que revisitava o "conjunto dos problemas do tempo: o trabalho, o valor, o sofrimento, a violência, o amor, a sedução, o poder, as representações, as imagens e o real, o social e o político, a criação, o pensamento simbólico" (PERROT, 2005, p. 25). A mulher pública era tida pela sociedade como uma "criatura, mulher comum que pertence a todos", em um extremo oposto ao homem público, reconhecido socialmente. O sentido público aqui, refere-se à oposta esfera privada, designando o conjunto jurídico ou consuetudinário dos direitos e deveres que constituem a cidadania e que terminam por reforçar os laços que tecem e permeiam a opinião pública. Considerando os espaços reservados à mulher, suas condições de trabalho e acesso ao conhecimento durante o século XX, compreende-se o quanto a questão do gênero implicou (a) nas relações de trabalho entre homens e mulheres. Nesse sentido, é salutar lembrar o movimento social das mulheres no globo, decisivo para a inserção e interação da mulher nos diversos setores da sociedade.

No Brasil, a existência de um código de rígidos preceitos patriarcais reduzia a mulher à tutela do pai ou marido, uma vez que era considerada semi-responsável por seus atos de vida civil (GAUDÊNCIO, 2005). Além disso, a escrita encerrava a instrução da mulher, como forma de restringi-la às demais áreas do conhecimento, culminando no que Souza-Lobo (1991, p. 162) diz serem as divisões mais "sólidas e invisíveis" dos sexos já que para ela, o que determina a subordinação da mulher no trabalho são "as próprias relações de trabalho que são sexualizadas e vistas como portadoras da hierarquia de gênero". Um padrão que se mantém desde 1895 e sinalizado por Perrot (2005, p.246) já que "os homens abandonam para elas o baixo escalão, refugiando-se nos cargos superiores e conservam os postos de comando".

Em relação à construção da imagem da profissão através da mídia, alguns filmes, histórias em quadrinhos e letras de músicas foram analisadas. No filme "Uma Secretária de Futuro", cujo título original é "Working Girl", a atriz Sigourney Weaver afirma para a diretoria da companhia a improbabilidade de que alguém que trabalhe como secretária possa ter idéias capazes de melhorar os resultados da empresa. O aspecto positivo do filme mostra a secretária interpretada pela atriz Melanie Griffith expondo suas idéias (que haviam sido roubadas pela executiva) e assumindo o cargo dessa na organização. A mensagem do filme trata de ética, competências, inteligências, habilidades nas relações de trabalho; ao mesmo tempo, o filme mostra a secretária iniciando um romance com o namorado da executiva que assessora. Enfim, percebe-se que o cinema apresenta a questão do relacionamento homem-mulher invariavelmente como ocorrência comum no desempenho da atividade secretarial. A imagem

de divulgação do filme colabora para essa mensagem subjetiva, pois a atriz Melanie Griffith apóia o braço mais intimamente no ombro do namorado de sua chefe, interpretado pelo ator Harrison Ford, transmitindo e fortalecendo o clichê, ao tempo que se interpõe fisicamente entre eles (Figura 1):



Figura 1- Cartaz do Filme Working Girl

Fonte: Rottentomatoes (2005).

Shining Through – que no Brasil recebeu o título em português "Uma Luz na Escuridão" – retrata uma secretária que se apaixona pelo patrão, um agente americano a serviço dos aliados durante a 2ª Guerra Mundial. Na pele da personagem Linda Vess, uma judia meio alemã, a atriz se oferece para uma arriscada missão: assumir o posto de governanta na casa de um oficial alemão para espioná-lo. Novamente o cinema evoca as relações passionais entre o chefe e a secretária, observáveis desde o início pela mensagem que a imagem no cartaz de divulgação do filme (Figura 2) traz: os protagonistas principais estão com os rostos encostados em uma clara conotação de intimidade. Deve-se ter em conta que o filme expõe as competências para a ocupação do cargo de secretária: atenção e agilidade mental, domínio de línguas e dialetos, inteligência acima da média, controle emocional e discrição.



Figura 2 - Cartaz do Filme Working Girl

Fonte: Adorocinema (2005).

Em “Wife Vs. Secretary”, uma comédia romântica de 1936, conta com Clark Gable, Myrna Loy e Jean Harlow para descrever um triângulo amoroso imaginado pela esposa (Loy) do publicitário (Gable) com a sua secretária (Harlow). As suspeitas infundadas são fomentadas pela sogra do ator principal e mostram uma série de situações subjetivas que insinuam haver algo mais entre os parceiros de trabalho. O *sex appeal* da secretária é explicitado na película ao destacar uma personagem jovem, exuberante e tipificada pelo padrão de beleza norte-americano evidenciado pela cor do cabelo e traje utilizado pela dita secretária. O filme usa o secretariado como subterfúgio para tratar sobre relação extra-conjugal, fidelidade, ciúmes e

falta de confiança, relacionando a profissão ao tema em seu título, demonstrando a existência de concorrência emocional-sexual entre as personagens femininas mulher/esposa *versus* secretária (Figura 3).



Figura 3 - Cartaz do Filme “Wife Vs. Secretary”

Fonte: Charitysplace, 2005.

Springtime in the Rockies, filme de 1942, que no Brasil recebeu o título “Minha Secretária Brasileira”, traz Carmem Miranda no papel de uma secretária que constrói uma intrincada trama para reunir um casal recém-separado, por conta de uma situação da qual foi pivô. O filme, também uma comédia romântica, evidencia a profissão como um meio para consecução de objetivos e não como um fim em si mesma, mostrando uma secretária envolta em tramas e peripécias não profissionais.

O filme “Secretary” é um dos exemplos recentes que reforçam e influenciam a opinião coletiva pela força da imagem proposta pela mídia. Eis a sinopse (CINEPOP, 2005):

A idéia do filme é bem tradicional - a secretária de miolo meio fraco e o patrão vão descobrir que foram feitos um para o outro -, mas a forma de narrar a história toma algumas liberdades com o que seria uma comédia romântica feita pela cartilha de Hollywood. O mesmo filme poderia ser refeito com Jennifer Lopez ou Sandra Bullock e formatado para elas, o que há de ácido em Secretária teria de ser consideravelmente diluído.

É o que faz a graça do filme. Até atingir seu sonho de Cinderela, a pobre secretária, que se chama Lee, sofre um bocado. É bom definir o que seja esse sofrimento. São as pequenas humilhações cotidianas que quem está no comando costuma submeter, às vezes sem sequer dar-se conta, as pessoas que dele (ou dela) dependem. O tema de Secretária é a submissão. Passa por um calvário físico. Logo na primeira cena, Lee se amarra toda para desempenhar tarefas burocráticas com competência e elegância. Não é fácil para ela e, por isso, logo após esse prólogo entra o leteiro que informa: seis meses antes...

Nesse vaivém do tempo, Shainberg constrói suas cenas. A da armadilha, as das sucessivas broncas que o chefe, E. Edward Grey dá na secretária até aquela, politicamente incorreta, em que ele cansado, aplica um corretivo na moça - e ela e a platéia acham aquilo o máximo. Secretária está longe de ser um grande filme, mas é um filme que você não pode perder. Maggie Gyllenhaal é ótima atriz e

ainda há esse lado, digamos, didático para se discutir as alternativas americanas à dominação de Hollywood. (L.C.M.).

Os cartazes de divulgação, o *trailer* e o próprio filme atribuem à profissão uma condição pejorativa e de forte sexualidade, trabalhada no campo dos distúrbios e fetiches sexuais. Trata-se, na verdade, de uma relação sadomasoquista no ambiente de trabalho em que se usou o secretariado como pano de fundo da história. Um mero acaso ou uma forma acentuada de explicitar a relação chefe-secretária pelo uso da perversão? Deve-se considerar as reflexões que o filme provoca. Há que se considerar também que, para uma sociedade caracterizada como preconceituosa e de pouco acesso à cultura, com um baixo nível de abstração e elocubração, as interpretações poderão ser as mais diversas e tenderão a desconsiderar a temática central, que aborda a questão da perversão, algo que transcende a profissão de secretariado. Em relação à divulgação do filme, os cartazes utilizados trazem imagens que corroboram a questão sexual à profissão: em um deles, o título do filme está estampado nas nádegas da modelo, ale do traje e postura completamente diferente da posição de trabalho de um secretário (Figura 4):



Figura 4 - Cartaz do Filme Secretary
Fonte: Cinepop, 2005.

Considerando que o cinema também aborda e fantasia por meio de caricaturas, deve-se ter em mente que, mesmo sob tal reflexão, a imagem negativa criada pela sociedade sobre a secretária não melhora com tais produções cinematográficas.

Mesmo em veículos mais inocentes, a exemplo das histórias em quadrinhos, é possível encontrar referências a modelos secretariais estereotipados. Revistas como “Recruta Zero”, “Tio Patinhas” e os quadrinhos de Scott Adams (todos de origem norte-americana) são exemplos mais acessíveis sobre a questão. Adams (1997) abusa da sátira; suas personagens - Dilbert, Dogbert e outros - relacionam-se com secretárias e secretários caricaturados como seres meramente operacionais que aspiram a qualquer outra profissão, menos ser secretário (a) (Figura 5). Esse pensamento, apesar de estar demonstrado em um material da cultura norte-americana, pode ser estendido à cultura brasileira, seja na percepção da falta de perspectivas, seja no entendimento de que a profissão é um meio e não um fim em si mesma.



Figura 5 - Profissão de Secretário como meio
Fonte: ADAMS (1997e)

Geralmente os personagens ocupam um cargo cuja mensagem subjetiva ou objetiva induz o leitor a entender que para ser um secretário não há necessidade de formação específica e maiores conhecimentos. Explicitam, ainda, a total falta de identificação para com a atividade secretarial, além de inferir que para o seu desempenho não são necessários requisitos mais complexos (Figuras 6 e 7).



Figura 6 - Auto-imagem do Secretário.
Fonte: ADAMS (1997c).

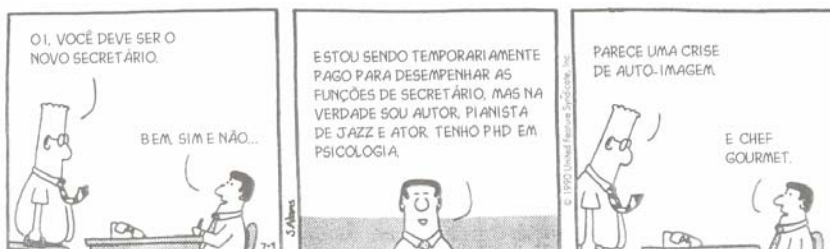


Figura 7 - Identidade do Secretário em crise.
Fonte: ADAMS (1997d).

Os personagens podem ser vistos atuando como prestadores de um serviço com pecha desmoralizante. Os quadrinhos expõem a inferioridade do espaço social que o secretário ocupa e o valor da profissão para a sociedade de uma maneira muito satírica; enfatizam que a alienação total contribui para a permanência na atividade (Figura 8).



Figura 8 - Alienação, consciência e identidade.
Fonte: ADAMS (1997b).

As histórias em quadrinhos do Recruta Zero (nome recebido no Brasil), uma publicação originalmente criada nos Estados Unidos em 1950, por Mort Walker, apresentam uma personagem chamada Dona Tetê, secretária do general Dureza (Figura 9). Ela vive se esquivando do assédio sexual cometido pelo velho general. Na época, o modelo de inspiração que Walker teve para a criação da secretária curvilínea foi a atriz Marilyn Monroe. A imagem da secretária pouco inteligente, jovem, bonita, loura e que usa roupas justas e curtas oposta à imagem da outra secretária do mesmo exército, representada graficamente por uma senhora de mais idade, competente, vestida sempre com fardamento militar e sem as mesmas curvas que a sua colega de profissão.



Figura 9 - Dona Tetê e o General Dureza.
Fonte: Universo HQ (2005b).

Os soldados norte-americanos divertiam-se durante a Guerra da Coréia, lendo os quadrinhos do recruta que havia sido convocado para o exército quando estava na faculdade. O imaginário sexual coletivo do qual Dona Tetê (a secretária) fazia parte, teve seu ápice em uma publicação sueca que a despiu completamente, conforme se verifica na figura 10:

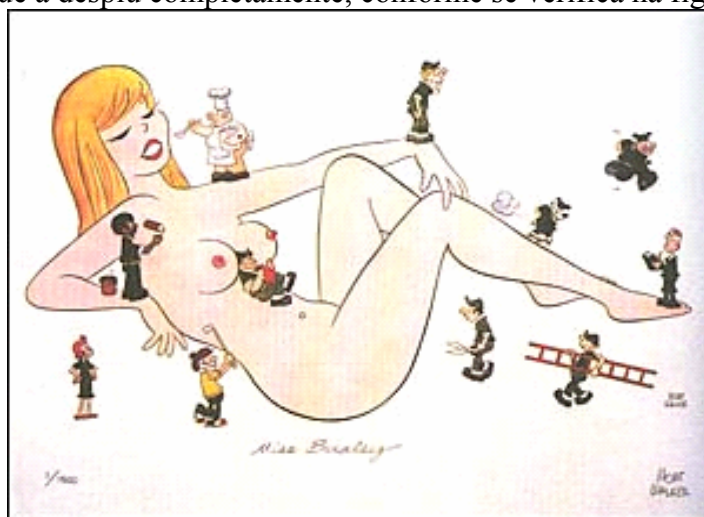


Figura 10 - Dona Tetê despida.
Fonte: Universo HQ (2005a).

Nessa imagem a outra secretária do mesmo exército encontra-se no canto inferior esquerdo, observando a cena com as mãos na cintura. Os demais homens do quartel ocupam-se em cuidar do corpo de Dona Tetê de maneira fantasiosa. A análise da imagem permite entender como o simbolismo sexual em torno da secretária transcende para a vida real. Ao mesmo tempo, passa a mensagem de que as competências que realmente valem à secretária são as de ordem sexual e estética. A secretária mais qualificada e competente no trabalho está em escala reduzida na imagem, ocupando um espaço de menor significância na cena tanto pelo tamanho, em comparação à outra, quanto pela posição em que está: o terceiro quadrante, penúltimo lugar de importância na visão se considerarmos as técnicas de representações artísticas.

O quartel do qual o Recruta Zero e Dona Tetê faziam parte era composto por diversos tipos masculinos (da esquerda para a direita): Otto, Sargento Tainha, Recruta Zero, Quindim, Roque, Platão, Tenente Escovinha, Tenente Mironga, Cuca, o Capelão, Capitão, General Dureza e Dentinho. É nítida a personificação do cão como membro do quartel, devidamente fardado e composto, em contraponto à imagem da Dona Tetê, a secretária (Figura 11).



Figura 11. Personagens masculinos da revista em quadrinhos Recruta Zero.
Fonte: Universo HQ (2005b).

Outros dispositivos de mídia e sentido pejorativo encontrados durante a pesquisa, foram as músicas que fazem referência à profissão, dentro de uma conotação absolutamente sexual ou de envolvimento emocional entre a secretária e a chefia. A música “Secretária da Beira do Cais”, cantada por César Sampaio, relaciona a prostituição à profissão em sua letra:

Ela espera e não desespera na Beira do Cais
Ela quer quem vier, quem trazer, quem der mais
Ela sabe que os homens de branco estão pra chegar
E em câmera lenta ela tenta a vida ganhar

Seu olhar inquieto vacila em qualquer direção
O seu corpo empinado desfila na escuridão
Ela é uma estrela que brilha na vida que traz
Ela é a mulher maravilha da beira do cais

Fim de mês é a hora e a vez de rever os parentes
Ela vai levando nas mãos milhões em presentes
Num instante se torna mocinha do interior
Num alguém com a pureza de quem nunca teve um amor

Como vai, pergunta o pai à filha querida

Ele quer saber como é que esta sua vida
Ela diz que e muito feliz na vida que traz
Que trabalha como secretária da beira do cais (Bis)
Que trabalha como secretária da beira do cais (Bis)

A música, intitulada “Secretária” e cantada por Amado Batista, explicita a relação emocional entre o chefe e a secretária e a conotação que alguns sentimentos podem vir a ter, caso sejam interpretados de uma outra maneira (sexual):

Ela chega tão meiga e tão bela,
puxa as cortinas e abre as janelas,
sempre com a mesma delicadeza,
e depois na sua sala ao lado atende o telefone e anota os recados,
e coloca sobre minha mesa,
está sempre muito sorridente, trata bem todos meus clientes,
para ela não há sacrificio,
porém meu coração não quer entender,
o que ela faz com tanto prazer é um dever do seu ofício
secretária que trabalha o dia inteiro comigo
estou correndo um grande perigo de ir parar no tribunal
secretária as vezes penso em falar contigo
mas tenho medo de ser confundido por um assédio sexual

A canção “Anúncio de Jornal”, interpretada pela argentina Júlia Graciella, apresenta a seguinte letra:

Precisa-se de moça
Boa aparência, pra secretária
Tem que ser muito bonita
Descontraída e educada

Eu era ainda menina
Quando li aquele anúncio no jornal
Usei meu melhor vestido
E nos sonhos coloridos precisava trabalhar
Tudo parecia um sonho
Eu já era secretária de você
Eu estava tão contente
Tudo era diferente para mim Foi numa segunda-feira
Quando você me pediu para ficar
Dizendo que era importante
Terminar aquela carta depois das seis
Foi nessa noite de outubro
Que perdi a inocência por você
Me entreguei aos seus carinhos
Eu fiz todos seus caprichos por amor

Essas músicas fazem parte do gênero musical classificado como “brega”. Outras músicas que falam sobre a secretária geralmente tratam da máquina eletrônica de recados telefônicos, popularmente chamada de “secretária eletrônica”. Novamente uma associação que vincula a

profissão ao maquinário, ao operacional.

Secretariado e serventia

A literatura de secretariado das décadas de 60 e 70, não elucidava o verdadeiro papel da secretária nas organizações e ficava a meio caminho entre dona-de-casa e secretária. São desse período os chavões como "anjo da guarda", "braço direito do chefe", "salvadora da pátria", "cartão de visita", "escudo" etc. Em Montezuma [1960?] e Rainho (1970) a profissão foi vinculada à jovialidade e beleza, em detrimento do saber e competência; confirmam ser secretariado o caminho mais fácil para a mulher que desejasse trabalhar fora de casa, sendo reiteradas em Perrot (2005, p. 195) onde não será mais a fábrica e sim o "escritório que devorará a dona-de-casa". Equívocos quanto ao exercício das atividades são denotadas em trechos como "a secretária desempenhando um papel de certo modo análogo ao de uma dona-de-casa" (MONTEZUMA, [1960?] p. 13). Orientações para que as secretárias se espelhassem nos exemplos de filmes e peças teatrais, fazendo ressalva quanto a filtrar e reter somente os bons exemplos. É imprescindível a análise do discurso da época em frases como: "seja sempre a atitude da secretária, pois a de senhora que se encontra em sociedade, ainda que esteja prestando humildes serviços" em que se observa o valor da atividade secretarial, humildes serviços. Fica latente outro aspecto do perfil profissiográfico de então, quando se observa a frase "a secretária não deverá tomar decisões, porquanto estas competem à administração", sob o argumento que os clientes poderiam sentir-se humilhados ao serem atendidos pela secretária e não pela sua chefia, o que fornece uma medida de importância dessa profissional. Os manuais técnicos de secretariado informavam quanto ao asseio escrupuloso da secretária, indicando o uso de talcos e número ideal de banhos ao dia. Recomendações tais como: espanar a máquina de escrever diariamente, esvaziar o cinzeiro do chefe, possuir resistência nervosa, estar disponível a horários irregulares, jamais macular o amor próprio do chefe – quando fosse necessário corrigir-lhe erros em ditados – zelar pela saúde do patrão entre tantas outras recomendações, confundia o papel da profissional secretária e misturavam limites. Para Montezuma ([1960?] p. 157) o secretariado teria cooperação das atividades do lar revertidas para o campo profissional, pois a atividade doméstica faria da secretária uma "técnica do lar", sendo, portanto normal "estender a organização do trabalho aos setores de sua casa e vice-versa". Quiçá por isso a sociedade costume chamar o empregado doméstico – categoria profissional que tem seu exercício regulamentado por outra lei e atividades – de secretários, em uma tentativa de igualar a sua natureza profissional: a serventia, a humildade e a submissão. Esses aspectos, aliados à uma pseudo falta de iniciativa e intelectualidade ficam evidentes nas análises de discursos outros, a exemplo de Lênin que em 1902 deu mostras do que era alienação política e trabalho de menor valor ao dizer que (ROSEMBERG, 1989, p. 65-66):

A social democrata russa não deve ter o espírito de um secretário de sindicato, mas de um tribuno do povo: um revolucionário fraco, vacilante nas questões teóricas, de horizonte limitado, que justifica a sua inércia com a espontaneidade do movimento de massas, mais parecido com um secretário de tradeuniões que com um tribuno do povo, sem um plano ousado e de grande alcance, que imponha respeito até seus adversários, inexperiente e inábil em seu ofício (a luta contra a política política) não é um revolucionário mas um mísero artesão!

Conclusão

Este estudo consistiu em uma tentativa de elucidar os referenciais que formam parte da imagem da profissão de secretariado no Brasil. Ao considerar imprescindivelmente a análise iconográfica e semiótica dos dispositivos midiáticos utilizados na sociedade, dispositivos esses que formam e mantêm a estigmatização de uma profissão considerada de segunda linha – advinda da "pequena burguesia" – e, ao considerar principalmente a questão de gênero, a investigação buscou traçar os paralelos e expor os vértices que implicam na manutenção da imagem atual e, seguramente, prejudicam a construção de uma nova imagem profissiográfica.

Referências

ADAMS Scott. **Manual de Gerência Dogbert**. Rio de Janeiro: Ediouro, 1977a.

_____. Alienação, consciência e identidade. 1997.1 História em Quadrinhos. In: _____. **Manual de gerência Dogbert**. Rio de Janeiro: Ediouro, 1997b.

_____. Auto-imagem do secretário. 1 História em Quadrinhos In: _____. **Manual de gerência Dogbert**. Rio de Janeiro: Ediouro, 1997c.

_____. Identidade do secretário em crise. 1. História em Quadrinhos In: _____. **Manual de gerência Dogbert**. Rio de Janeiro: Ediouro, 1997d.

_____. Profissão de secretário como meio. 1 História em Quadrinhos. In: _____. **Manual de gerência Dogbert**. Rio de Janeiro: Ediouro, 1997e.

ADOROCINEMA. **Cartaz do filme Shining Through**. 2005. 1 fotografia. Disponível em: <<http://adorocinema.cidadeinternet.com/filmes/luz-na-escuridao.htm>>. Acesso em: 12 jun. 2005.

BERTOCCO, Nêris; LOYOLA, Ângela S. **Você, secretária: um manual de atualização profissional**. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1979.

BRACCIOLINI, Poggio. **Unibuc**. 2005. Disponível em: <<http://www.unibuc.ro/eBooks/filologie/AncaCrivat/excurso.htm>>. Acesso em: 20 abr. 2005.

BRASIL. Lei nº 9.261 de 10 de janeiro de 1996. Profissão de Secretariado. NATALENSE, Liana. **A secretária do futuro**. Rio de Janeiro: Qualitymark, 1998.

_____. Decreto nº 20.158 de 30 de junho de 1931. Organiza o ensino comercial. In: ROMANELLI, Otaiza de Oliveira. **História da Educação no Brasil**. 25. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2001.

_____. Decreto nº 63.341 de 1º de outubro de 1968. Estabelece critérios para a expansão do ensino superior. In: ROMANELLI, Otaiza de Oliveira. **História da Educação no Brasil**. 25. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2001.

_____. Decreto-lei nº 6.141 de 28 de dezembro de 1943. Lei Orgânica do Ensino Comercial. In: ROMANELLI, Otaiza de Oliveira. **História da Educação no Brasil**. 25. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2001.

_____. Lei nº 5.540/68. Fixa normas de organização e funcionamento do ensino superior. In: ROMANELLI, Otaiza de Oliveira. **História da Educação no Brasil**. 25. ed. Rio de Janeiro:

Vozes, 2001.

_____. Parecer nº 0102/2004 CES/CNE. Estabelece diretrizes curriculares para os curso de graduação em Secretariado. In: ROMANELLI, Otaiza de Oliveira. **História da Educação no Brasil**. 25. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2002.

_____. **Decreto nº 83.371/79 de 25 de abril de 1979**. Reconhecimento do curso de Secretariado Executivo da Ufba. Brasília: Conselho Federal de Educação, 2004.

_____. **Processo nº 0168/77. Dispõe sobre autorização para funcionamento do curso de Secretariado Executivo na Ufba**. Brasília: Conselho Federal de Educação, 2004.

CHARITYSPPLACE. **Cartaz do Filme Wife Vs. Secretary**. 2005. 1 fotografia. Disponível em: <www.charityspace.com/review/wifevssecretary.htm>. Acesso em: 12 jun. 2005.

CINEPOP. **Cartaz do Filme Secretary**. 2005.1 fotografia. Disponível em: <www.cinepop.com.br>. Acesso em: 18 set. 2005.

CORRÊA, Graciela; RICARDO, Paulo. Anúncio de Jornal. Intérprete: Julia Graciela. In: JULIA GRACIELA. **A Popularidade de**. [S.I.]: Warner Chappell, p1976. 1 CD (ca. 45.37 min). Faixa 1. Remasterizado em digital.

DUMAS, Alexandre. **Napoleão uma biografia literária**. Tradução de André Telles. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

EDER, Klaus. **A nova política de classes**. Tradução de Ana Maria Sallum. Bauru, SP: EDUSC, 2002.

FENASSEC - FEDERAÇÃO NACIONAL DE SECRETÁRIOS E SECRETÁRIAS. **Artigos**. Disponível em: <www.fenassec.com.br>. Acesso em: 8 jun. 2005.

GAUDÊNCIO, Maria Glauce. **Mulher e Trabalho**. Ordem dos Advogados do Brasil- PB. Disponível em: <<http://www.oabpb.org.br/espacos.jsp?id=6>>. Acesso em: 22 set. 2005.

IMPAWARDS. **Cartaz do Filme Secretary**. 2005. 1 fotografia. Disponível em: <www.impawards.com>. Acesso em: 15 mar. 2005.

KOLLONTAI, Alexandra. **Marxismo e Revolução Sexual**. Tradução de Ana Corbisier. São Paulo: Global, 1982.

KON, Anita. **Economia industrial**. São Paulo: Nobel, 1999.

LE GOFF, Jacques. **A história nova**. São Paulo: Martins Fontes, 1990.

LE GOFF, Jcques; NORA, Pierre. **História: novos objetos**. Rio de Janeiro: F. Alves, 1988.

MAIA, Pedro Moacir. Corações em conflito. **A Tarde**, Salvador, Caderno Cultural. 2001.

MARSHALL, T.H. **Cidadania, classe social e status**. Tradução de Meton Porto Gadelha. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1967.

MAQUIAVEL, Nicolau. **O Príncipe**. Tradução de Antônio D'Elia. São Paulo: Cultrix, 2002.

MELLO, Guiomar Namó de. **Cidadania e competitividade: desafios educacionais do terceiro milênio**. 7.ed. São Paulo: Cortez, 1998.

MONTEZUMA, Helena. **Manual da secretária moderna**. Rio de Janeiro: Ediouro, [1960?].

MOTA, Alice de Oliveira et al. Biblioteca São Jerônimo Centro de Valorização da Cidadania e o Programa de Bibliotecas Fust. In: ENCONTRO NACIONAL DE CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO. 4., 2005. Salvador. **Anais...** Salvador: UFBA, 2005. Disponível em: <http://www.cinform.ufba.br/iv_anais/artigos/TEXTO01.HTM>. Acesso em: 18 ago. 2005.

NATALENSE, Liana. **A secretária do futuro**. Rio de Janeiro: Qualitymark, 1998.

ROMANELLI, Otaiza de Oliveira. **História da Educação no Brasil**. 25. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2001.

ROSEMBERG, Arthur. História do Bolcheviquismo. Tradução de Antonio Roberto Bertelli. Belo Horizonte: Oficina de Livros, 1989

PERROT, Michele. **Mulheres públicas**. São Paulo: Makron Books, 1999a.

_____. **As Mulheres ou os silêncios da História**. Tradução de Viviane Ribeiro. Bauru, SP:

EDUSC, 2005.

RAINHO, Olga. **Curso de Secretariado Executivo**. Rio de Janeiro: Fórum Editora, 1970.

ROMANELLI, Otaiza de Oliveira. **História da Educação no Brasil**. 25. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2001.

ROTTENTOMATOES. **Cartaz do filme Working Girl**. 2005. 1 fotografia. Disponível em: <[www.rottentomatoes.com. /m/working_girl/](http://www.rottentomatoes.com/m/working_girl/)>. Acesso em: 12 jun. 2005.

SAFFIOTI, Heleieth Iara Bongiovani. **A mulher na sociedade de classes: mito e realidade**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1976.

SANTOS, Milton. **O Brasil: território e sociedade no início do século XXI**. Rio de Janeiro: Record, 2001.

SOUZA-LOBO, Elisabeth. **A classe operária tem dois sexos**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1991.

TEIXEIRA J. Secretária (Assédio Sexual). Intérprete: Amado Batista. In: AMADO BATISTA. **Amor...** [S.I.]: Warner Music Brasil, p.2001. 1 CD (ca. 48 min). Faixa 1.

UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA – UFBA. Escola de Administração. Curso de Secretariado Executivo. **Ata do Colegiado**. Salvador, 27 out. 2003. (Trata da criação do curso de Secretariado Executivo).

UNIVERSO HQ. **Dona Tetê despida**. 2005. 1 fotografia. Disponível em:

<www.universohq.com.br/quadrinhos/entrevista_walker.cfm>. Acesso em: 25 set. 2005a.

_____. **Dona Tetê e o General Dureza**. 2005. 1 fotografia. Disponível em:

<www.universohq.com.br/quadrinhos/entrevista_walker.cfm>. Acesso em: 25 set. 2005b.

_____. **Personagens masculinos da revista em quadrinhos Recruta Zero**. 2005. 1 fotografia. Disponível em: <www.universohq.com.br/quadrinhos/entrevista_walker.cfm>.

WIKIPEDIA. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/P%C3%A1gina_principal>. Acesso em: 15 mar. 2005.